



# SHOW DO BILHAO NAS TELAS

PELA **PRIMEIRA VEZ DESDE A PANDEMIA**, HOLLYWOOD EMPLACA **CINCO FILMES COM RECEITA BILIONÁRIA**, O QUE RECOBRA AS **RENDAS PERDIDAS COM O Esvaziamento gradual** DAS SALAS. PÁGINA 3



## ENTREVISTA | ALEX NADER

ATOR

# ‘Não quero só fazer entretenimento, também quero denunciar’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**Q**uem passou pela plateia de “A Paz Perpétua”, montagem de Aderbal Freire-Filho para um texto de tom filosófico de Juan Mayorga, encenado país adentro há cerca de uma década, há de reconhecer o latido machucado do cão Cassius em toda a (boa) atuação feita por Alex Nader depois daquele inesquecível espetáculo. Não é questão de estar preso a um personagem. Já faz tempo que Cassius cantou... ou melhor, latiu para subir. A questão é estar atento às violências do mundo. Nader está.

Sempre está. Não por acaso, alia-se, sempre que pode, a projetos que esquetejam as entranhas mais imundas do pacto colonial eurocêntrico, como “Migrantes” e “Para Meu Amigo Branco”, peças em que implodia no palco. Noutras mídias, seu repertório é também pontuado de trabalhos reflexivos. Inunda o obturador da câmera com seu gestual seja na linha mais pop do audiovisual (vide a série “DNA do Crime” ou a novela “Dona de Mim”, em que cruzou sets com sua amada na vida real, a atriz Aline Borges) ou em expressões filmicas de toada mais radical, como o longa-metragem “Pele de Rinoceronte”.

Um dos seis concorrentes ao Kikito de Ficção do recém-encerrado Festival de Gramado, esse filme, dirigido pelo produtor Marcello Ludwig Maia, discute feminicídio ao revisitar a morte da modelo Ângela Diniz (1944-1976), assassinada pelo tóxico Doca Street (1934-2020) na década de 1970. Nader é quem interpreta Doca, embora sem usar esse nome. Trabalha com a persona dele. Investiga pecados.

A afinação com enredos politicamente alertas não impede que Nader diga “Sim!” para pipocas que, eventualmente, pipoquem em seu caminho, à espera de um (bom) ator como ele para seus elencos. Paralelamente, esse Burt Lancaster de Vicente de Carvalho dá uma guinada para produções internacionais,



Rodrigo Fonseca/Divulgação

“A grande importância desse filme está em denunciar essa falácia de que o feminicídio seria cometido por amor”

firmando seu rastro em trabalhos que investiguem mazelas não só do Brasil, mas das Américas. No papo a seguir, esse intérprete que sacode teatros, mas leva a vida numa nice, na discrição típica de quem nasceu para ser grande, compartilha com o Correio da Manhã as migrações e as mirações em seu porvir.

**Paralelamente à sua passagem com “Pele de Rinoceronte” por Gramado - um festival, que, historicamente internacionaliza nossas produções pela América**

**hispânica -, você atuou em um thriller estrangeiro. Que projeto é esse, de onde é e como foi rodá-lo?**

**Alex Nader** - É um filme que fiz no Paraguai. Ele se chama “Golpe”. É um trabalho com o Nico García (um astro e agora também diretor Nicolás García Hume, conhecido por “7 Caixas”), que também está na série “DNA do Crime”. Ele trabalha com a diretora argentina Romy Tamburello. A história se passa quando acaba a ditadura paraguaia, ali pelo fim dos anos 1980. Tudo acontece durante uma festa, que ter-

mina em uma grande chacina. É um filme sanguinolento, numa linha que lembra Quentin Tarantino.

**Há um perfume de reflexão política. Em seu debate sobre feminicídio, “Pele de Rinoceronte” se alinha com o ethos combativo do repertório que você estrela no teatro, marcado por textos que apostam na denúncia... e das mais variadas violências sociais. De que maneira essa linha temática amplia a tua**

**lucidez em relação à nossa sociedade?**

Desde cedo, eu senti que aquilo ali era o lugar mais bacana de estar como artista. Não quero só fazer entretenimento, também quero denunciar. Quando a gente joga isso no universo, ele entende, e esses trabalhos vão chegando naturalmente. Eu foco nisso principalmente no teatro, porque ainda é o lugar onde temos mais liberdade de escolha. Quando papéis dessa natureza também chegam no audiovisual, é um presente.

**O que “Pele de Rinoceronte” representa dentro desse caminho que você escolheu?**

A grande importância desse filme está em denunciar essa falácia de que o feminicídio seria cometido por amor. Sempre se falou: “o cara mata por amor”. Acho que esse filme permite que a gente olhe para isso e entenda que não. Amor não mata, o que mata é ódio. Como artista, eu me sinto muito feliz de poder contar histórias que fazem o público refletir sobre a nossa sociedade e sobre tudo o que precisamos mudar.

**Qual é o maior desafio para quem vive de atuar no Brasil?**

É não saber o dia de amanhã. Isso é impressionante. Faço 50 anos este ano, em novembro, e ainda não entrei nessa vida que a rede social cria como uma espécie de ilusão. Eu não emendo um trabalho no outro. A dificuldade está em conseguir se manter trabalhando o tempo todo. Faço uma série durante cinco meses e depois fico outros cinco sem trabalho. Aí faço uma peça, ela roda por um período... e, quando acaba, tudo volta a ser incerteza. É muita gente para pouco trabalho, para pouco espaço. Então, a grande dificuldade da profissão é conseguir constância e emendar um trabalho no outro, sem brechas. Essa é a minha busca: preciso parar de ter férias, pelo menos, essas férias que o mercado impõe, com seus hiatos.

**Além do cinema, você pretende voltar ao teatro?**

Planejo voltar aos palcos com “O Âncora”, o monólogo que fiz. Acredito que, nos próximos dois ou três meses, vou estar em algum lugar com ele.

**E o que mais vem pela frente?**

Além de “Pele de Rinoceronte”, tem a terceira temporada de “DNA do Crime”, que a gente já gravou e estreia em janeiro. É uma série de muito sucesso na Netflix, e Isaac, meu personagem, já começou a me abrir portas internacionais, como é o caso de “Golpe” e eu já tenho outro projeto lá no Paraguai.





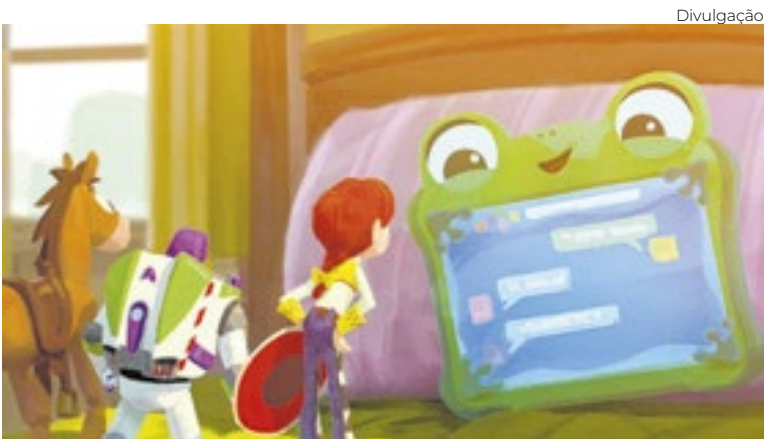
Com US\$ 2,2 bilhões em seu faturamento, o mais recente Homem-Aranha firma a Sony Pictures no topo

# ‘Homem Aranha’ lidera o bonde hollywoodiano

‘Odisseia’, ‘Toy Story 5’, ‘Michael’ e ‘Super Mario’ completam o top 5 dos maiores acertos comerciais do ano (até agora)



Matt Damon lidera grande elenco em ‘A Odisseia’, de Cris Nolan, segundo colocado no ranking global com US\$ 1,4 bilhão



Último lançamento Pixar/Disney, ‘Toy Story 5’ ocupa a terceira maior arrecadação do ano: US\$ 1,1 bilhão desde sua estreia

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**E** provável que o mês de dezembro de 2026 quebre todos os recordes anuais hollywoodianos no momento em que Robert Downey Jr. tirar a máscara metálica de Victor von Doom, tirano da nação fictícia Latvéria que interpreta em “Vingadores: Doutor Destino”. No entanto, bem antes de a Marvel emplacar o que pode ser seu maior acerto em tela grande desde que se aboletou lá, em 1998, com “Blade, O Caçador de Vampiros”, 2026 já pode ser eleito um ano de exceção para o cinemão... e na História. Quem clicar hoje no site “Box Office Mojo”, radar de bilheterias no mundo, encontrará cinco filmes



‘Michael’: 4º colocado com US\$ 1.016 bi



“Super Mario Galaxy”: US\$ 1.012 bi

(americanos) na marca do bilhão.

O primeiro, imbatível, é “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, com US\$ 2,2 bilhões arrecadados até domingo. Em segundo, aparece “A Odisseia”, uma aposta nata para o Oscar, com US\$ 1,4 bilhão. Em terceiro, temos “Toy Story 5”, com

US\$ 1,1 bilhão. Daí encontram-se “Michael”, com US\$ 1.016.608, e “Super Mario Galaxy”, com US\$ 1.012.570. A última vez em que tantos longas, lançados de janeiro a julho, faturaram tanto foi em 2019, a véspera da pandemia. Ali, Hollywood totalizou seis títulos de

rendas bilionárias nos sete primeiros meses de um ano curricular, chegando a nove longas com faturamento similar de setembro a dezembro, incluindo “Coringa”, com Joaquin Phoenix.

O bonde de quem faturou muito se estende a comédias, como “O

Diabo Veste Prada 2” (com US\$ 692 milhões arrecadados), e ficções científicas, tipo “Devoradores de Estrelas” (que somou US\$ 684 milhões, graças ao carisma de Ryan Gosling). Teve ainda sucesso de CEP asiático. Na lista das Dez Maiores Bilheterias do ano, a China aparece em oitavo lugar com a aventura sobre quatro rodas “Pegasus 3”, cuja contabilidade registrou US\$ 656 milhões na venda de tíquetes.

Estima-se que as contas dos próximos meses sigam nesse Show do Bilhão com os lançamentos de “Enfeitiçadas: Bem-Vindos a Hexe” (“Hexed”), a nova animação da Disney, e o supracitado “Avengers: Domsday”, em que o Capitão América, o Thor e toda a casta de vigilantes marvete se impõe contra um novo mal... com a cara do Homem de Ferro. Dizem que os X-Men vão dar o de seus poderes mutantes nessa superprodução.

No dia 24 de setembro, um potencial blockbuster deve se fazer brilhar nas registradoras dos cinemas: “Coração Selvagem” (“Heart of the Beast”), a nova parceria entre o diretor David Ayer e o astro Brad Pitt, de “Corações de Ferro” (2014), recém-confirmadas na seleção oficial do Festival de San Sebastián (18 a 26 de setembro), na Espanha. Pitt vive um militar reformado que luta para se salvar e proteger seu cão numa jornada pelas florestas do Alasca.

Para outubro, Alejandro González Iñárritu (diretor de “Birdman”) repagina a imagem de Tom Cruise em “Digger”, fazendo dele um magnata caquético. Estreia em 1/10. Quinze dias depois é a vez da nova versão cinematográfica do game “Street Fighter”. Para novembro, ficaram “Godzilla Minus Zero”, “Ebenezer e os Fantasmas do Natal”, com Johnny Depp, e “Entrando Numa Grande Fria”, com Ariana Grande, De Niro e Ben Stiller. Dezembro conta com o Doutor Destino a atazanar os Vingadores, como já citado, e com “Duna 3”.

No caso do cinema brasileiro, 2026 tem sido um ano triste para nossa aquisição de receitas na venda de tíquetes em multiplexes. O maior êxito nacional do ano, “Velhos Bandidos”, dirigido por Claudio Torres, ocupa o topo do nosso ranking e fechou sua arrecadação com 429.187 ingressos vendidos. Nossa sorte pode mudar a partir do dia 3 de setembro, com a chegada de “Minha Melhor Amiga”, de Susana Garcia. Nele, Julia (Mônica Martelli) e Clara (Ingrid Guimarães) são melhores amigas e vivem o auge dos seus 50 anos. Quando suas filhas, Manu e Isadora, viajam para um intercâmbio em Portugal, elas aproveitam para dar um tempo da rotina frustrante e decidem embarcar para a Europa. Mas, ao chegarem em terras lusitanas, nem tudo sai como planejado e o que seriam apenas umas férias divertidas com as garotas se transforma em uma viagem que vai ressignificar a vida das duas. Que ressignifique também o nosso porvir em circuito.



# CORREIO CULTURAL



Acervo Ballet Manguinhos

O Ballet Manguinhos dá formação de dança a jovens da comunidade

## Ballet Manguinhos estará no 9º MoviRio

O Ballet Manguinhos, projeto social que há 14 anos promove formação artística e ações socioeducativas para crianças, adolescentes e mulheres da favela de Manguinhos, participa da 9ª edição do MoviRio Festival. Considerado um dos maiores festivais de dança da América Latina, o evento realiza sua Mostra Competitiva entre os dias 28 e 30 de agosto, no histórico Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes.

Ao longo dos três dias, bailarinos formados pelo projeto apresentam trabalhos de diferentes linguagens, passando pelo ballet clássico de repertório, dança contemporânea, danças urbanas e jazz. Entre as coreografias a serem apresentadas pelo grupo no festival estão “Libertação”, “La Fille Mal Gardée”, “Le Corsaire”, “Volta por Cima” e “Cartas para Elena”.

## Curtas em Queimados

A população de Queimados, na Baixada Fluminense, pode anotar no calendário um programa cultural, antenado e com entrada franca, para toda a família. Nesta sexta e sábado (28 e 29), o Campo do Primavera recebe o festival de curtas-metragens ‘Curta Na Praça Municipais’, com sessões às 18h30 e 20h. A mostra exibirá 16 filmes ao longo dos dois dias, com expectativa de público total de 1.600 pessoas por final de semana, além de oferecer pipoca, refrigerante, roda de conversa após as exhibições e sorteio de brindes.

### Trocou de escola

Rainha de bateria da Grande Rio por sete anos, Paolla Oliveira vai defender as cores de outra escola no carnaval 2027. Segundo o jornalista Leo Dias, a atriz vai para a Imperatriz Leopoldinense, substituindo a cantora Iza. A agremiação ainda não anunciou oficialmente a novidade.

### Indenização

A acrobata russa Mariia Konfektova está processando o Cirque du Soleil após sofrer um acidente em espetáculo da companhia, há dois anos, em Portland (EUA). Ela pede US\$ 16,7 milhões (cerca de R\$ 86 milhões) e alega ter caído de 4,5 metros sem colchões para amortecer a queda.

### Os hábitos saudáveis de Denzel

Denzel Washington decidiu mudar hábitos que fizeram parte de sua rotina por décadas. Em entrevista à revista Esquire, o ator de 71 anos contou que parou de beber aos 60 e passou a cuidar mais da alimentação e da preparação física. Vinho era a minha paixão”, afirmou Washington, que chegou a construir, em 1999, uma adega com espaço para 10 mil garrafas.



Divulgação



Conspiração Filmes

Ana Hikari (de camiseta) e o elenco de ‘Emergência 53’, que mostra a realidade de profissionais do Samu

## A atriz carteira D

Ana Hikari conta que fez 20 aulas em auto-escola para dirigir ambulância na série ‘Emergência 53’ e avisa: ‘É muita adrenalina’

ADRIELLY SOUZA  
Folhapress

**H**á personagens que exigem do ator mudança de visual, sotaque ou uma nova maneira de falar. Para Ana Hikari, interpretar Duda em “Emergência 53” foi bem mais: ela precisou aprender a dirigir veículos de grande porte, entender de mecânica e encarar uma prova prática para conseguir a habilitação para conduzir uma ambulância.

A atriz é responsável por dar vida à condutora e mecânica da Unidade 53, equipe que atende ocorrências de emergência pelas ruas. Para chegar ao set preparada para as cenas de ação, ela fez 20 aulas de autoescola dirigindo um ônibus e passou pelo processo para obter a carteira de categoria D, que permite conduzir veículos como ônibus, micro-ônibus, vans e caminhões.

“Tive que fazer a aula e a prova, e foi um nervosismo enorme, porque a prova aconteceu dois dias antes de eu me mudar para o Rio”, conta à reportagem. “Se eu perdesse, já era, porque teria que me mudar e só conseguiria fazer a prova novamente dois meses depois”, completa.

O elenco passou por um período de treinamento para reproduzir com mais precisão os procedimentos e as funções dos profissionais retratados na série. “É uma persona-

“Cada um de nós está preparado para o fim do mundo depois dessa série”

ANA HIKARI

gem muito complexa que me fez dirigir ambulância, aprender a dirigir carro de grande porte e me enfiar embaixo de ambulância também porque tive que aprender coisa de mecânica”, destaca.

O treinamento acabou criando uma espécie de rotina paralela para os atores. Enquanto alguns aprendiam procedimentos médicos, Ana se dedicava à parte mecânica e à condução do veículo usado nas cenas. “Às vezes, eu estava no nosso galpão, na nossa base, e olhava para o lado: a Raquel [Villar, que vive a enfermeira Vanessa na série] costurando uma banana, sabe? Depois, olhava para o outro lado e estava o Emílio [Dantas, intérprete do médico Pedro] treinando um PCR. Cada um estava aprendendo uma habilidade nova.”

“Quando eles olhavam para o lado, estava eu embaixo de uma ambulância, mexendo nas coisas do óleo”, brinca a atriz. “Então, cada um

de nós está preparado para o fim do mundo depois dessa série (risos).”

Para Ana, a experiência prática ajudou a reproduzir a sensação de urgência dos atendimentos realizados fora de um hospital. Em vez de interpretar a movimentação de uma ambulância apenas com o veículo parado ou por meio de recursos de filmagem, parte do elenco precisou lidar com a dinâmica real da condução.

“Tem muitos diálogos que acontecem enquanto a gente está dirigindo e eu acho que o fato da gente ter dirigido de fato em algumas cenas trouxe um ritmo assim muito bacana, que deixou todo mundo num estado interessante pra série”, avalia.

“Tanto eu quanto nossos colegas estávamos lá dentro da ambulância, confiando no nosso taco”, lembra. “Acho que isso conseguiu deixar a gente numa adrenalina necessária para que... é isso que é o ritmo dos atendimentos de emergência na rua.”

Ao falar sobre Duda, Ana destaca que a personagem também representa uma oportunidade de mostrar o trabalho dos condutores de ambulância. Além de levar a equipe até o local das ocorrências, esses profissionais são responsáveis pela segurança durante o deslocamento e fazem parte da engrenagem dos atendimentos de emergência.

“Os condutores e os enfermeiros sempre foram subvalorizados e invisibilizados, né, dentro do audiovisual”, afirma. “A gente é responsável pela segurança da equipe, a gente é responsável pela condução em segurança até o local dos atendimentos, né? E é uma categoria assim que, pô, é pouco falada.”

O contato com profissionais que atuam no Samu (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) acabou ultrapassando o período de preparação. Ana conta que criou uma relação de proximidade com algumas condutoras que a ajudaram a entender a rotina da profissão. Uma delas, Tiane, chegou a mandar uma mensagem para a atriz falando sobre a expectativa de acompanhar a série.



# Nós do Morro

## de portas abertas

Casarão que abriga a companhia teatral que revelou e revela talentos da comunidade passa a receber visitas guiadas

No alto do Vidigal, onde o asfalto cede lugar a um labirinto de becos que sobem em direção a uma das vistas mais disputadas do Rio, existe uma casa que nunca foi propriamente de quem a habita. O Casarão do Nós do Morro — edifício erguido pela Igreja Católica nos anos em que congregações religiosas ainda se ocupavam de instalar estruturas de acolhimento nas favelas cariocas — funciona desde 1986 sob regime de comodato, um empréstimo gratuito que, ao longo de quase quatro décadas, se tornou algo raro: um patrimônio afetivo que pertence simultaneamente à Igreja que cedeu o teto e aos moradores que, com as próprias mãos, transformaram cômodos em salas de ensaio e palcos improvisados em janelas para o mundo.

A partir do dia 25 de agosto, esse casarão abre as portas para uma vocação inédita: receber visitantes e contar, de dentro, uma história que até agora circulava sobretudo entre quem a viveu.

A iniciativa nasce de uma parceria com a Na Favela Turismo, empresa criada pelo empreendedor Renan Monteiro, que vem conquistando espaço no turismo comunitário carioca com uma proposta que escapa do roteiro convencional: apresentar o território por quem o conhece, habita e constrói diariamente. A Na Favela Turismo já opera na Rocinha, no Vidigal e no Parque Projetado da Gávea, e lançou em 2024 o Na Favela Drone, projeto que qualifica moradores como pilotos e transforma lajes e mirantes em pontos de experiência turística. A lógica, em todas as frentes, é a mesma: fazer com que o dinheiro do turismo circule dentro da própria comunidade.

O tour piloto está marcado para as 18h30 do dia 25, reunindo guias e mototaxistas da comunidade.

Depois, o Casarão funcionará de segunda a sexta, das 10h às 18h, com visitas conduzidas por integrantes do próprio Nós do Morro. Mais que um passeio, a experiência promete bastidores, memória e encontros com a cultura brasileira produzida no Vidigal — a história de um grupo que, fundado pelo ator e jornalista Guti Fraga em 1986, dentro do Centro Cultural Padre Leeb, formou mais de 350 artistas e técnicos, montou mais de 30 espetáculos teatrais e, desde 1995, mantém um núcleo de audiovisual cujos curtas-metragens conquistaram prêmios em festivais da França.

A lista de nomes revelados pelo grupo impressiona pela densidade e pela presença na cultura brasileira contemporânea. Babu Santana, que entrou no Nós do Morro aos 17 anos e logo estaria em “Cidade de Deus”, é talvez o caso mais conhecido. Mas a galeria inclui Roberta Rodrigues, Thiago Martins, Jonathan Azevedo, Jonathan Haagensen, Marcello Melo Jr. — uma geração de atores que aprendeu no casarão do Vidigal o ofício que a cidade, fora dali, dificilmente lhes oferecerá. Guti Fraga, que trocou a faculdade de medicina pelo teatro e chegou ao Vidigal no final dos anos 1970, sempre disse que não queria criar “simplesmente um grupo de teatro”, mas sim “um grupo de teatro com filosofia de vida”. O Prêmio Shell, entre outros reconhecimentos, confirmou que ele conseguiu.

A parceria com a Na Favela Turismo chega em momento delicado para o Nós do Morro. O grupo luta para retomar oficinas e atividades e precisa de novas fontes de sustentabilidade. O imóvel, lembre-se, não lhes pertence: é da Igreja, cedido em comodato, e todas as reformas internas — a adaptação dos cômodos para salas de teatro e cinema, a manutenção cotidiana — foram financiadas e executadas ao longo dos anos pelos próprios moradores,



O casarão no Vidigal que sedia a Cia Nós do Morro

comerciantes locais e apoiadores. Ao ajudar a movimentar o Casarão com visitação turística, a Na Favela Turismo contribui diretamente para esse esforço de reconstrução.

Renan Monteiro sintetiza a lógica do projeto com uma clareza que dispensa comentário: “A favela não precisa que contem a sua história por ela. Precisa de oportunidade para contar, empreender e transformar a própria história em futuro.”

Há algo de inesperado nessa equação. O turismo, tantas vezes acusado de transformar territórios populares em cenário para consumo externo, opera aqui no sentido inverso. Não se trata de levar visitantes

para fotografar a vista do Vidigal — embora a vista exista e seja deslumbrante —, mas de abrir a casa onde uma das experiências teatrais mais relevantes do Brasil contemporâneo aconteceu e continua acontecendo, sob teto emprestado. O visitante entra no Casarão e encontra algo que nenhum roteiro convencional oferece: a possibilidade de ouvir a história de quem a fez, no lugar onde ela foi feita.

No Vidigal, a fronteira entre turismo e cultura nunca foi clara. Talvez porque ali, mais do que em qualquer outra favela do Rio, a cultura não é adorno: é infraestrutura. O Nós do Morro é, desde 1986, parte

essencial dessa engrenagem — formação, profissionalização, revelação de talentos, produção artística que cruzou oceanos. Que agora, com as portas abertas, encontra uma forma de se sustentar sem abrir mão do que sempre foi: uma casa de quem a construiu, não de quem a possui.

### SERVIÇO

#### Casarão do Nós do Morro

Vidigal — Rio de Janeiro  
A partir de 25 de agosto  
Segunda a sexta, das 10h às 18h  
Visitas conduzidas por integrantes do Nós do Morro  
Informações e agendamento: Na Favela Turismo



## LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Reprodução

O pensador Friedrich Nietzsche defendia que o ser humano deveria construir o próprio sentido da vida

## Nietzsche, 126 anos

Todo lobo é matilha. Todo nome, muitos. Todo Eu, multiplicidade. Platô 1 (p. 17): Deleuze-e-Guattari entrelinham o EU: “(...) em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. (...) Fomos ajudados, aspirados, multiplicados”. O nome, matilha. Um livro não tem sujeito. Então, “por que preservamos nossos nomes?. Por hábito, exclusivamente por hábito”. Agradável falar como todo mundo; afinal, precisamos encontrar alguém, identificar, embora a identidade seja o movimento se fingindo de “ser”, fingindo-se de imóvel.

Hoje, após 126 anos, a matilha-Nietzsche repousa em seus jazigos, os livros, é onde encontramos seus restos mortais: os conceitos. Outra vez, abro uma de suas lápidas no Jardim da Saudade, minha biblioteca, e sinto o aroma de um pensamento que respira. O lobo-Nietzsche é matilha a seguir trilhas conceituais que fogem ao dualismo, pois seu Zarathustra, que nega a dicotomia bem e mal, cria passagens “entre” signos contrários. Só é possível ir “Além do Bem e do Mal” se o pensamento movimentar-se “entre-dois”, é de onde o devir-bobo do papa cria o terceiro elemento, relido em Assim falava Zarathustra como terceira metamorfose, ela: terceiro incluído – a criança.

Apenas capaz de combater o “poder-entre” do sacerdote é a criança, o que não significa convocar inocentes de creches para marcharem à Catedral Basílica de Nossa Senhora de Aparecida. Não me refiro à criança da história ou da sociologia, e sim à da filosofia deleuze-guattariana, onde ela é rizoma, linha de fuga. Assim, com tamanha filosofia, e sem história, e sem sociologia, compreendo em Assim falava Zarathustra a criança como terceira metamorfose, potência intermediária.

Ora menos, ora mais, o dualismo jamais deixou de pulsar na política, aliás, doença de que se serviu sempre a extrema direita com a finalidade de se movimentar “entre” opostos. A ditadura cívico-militar pós-64, maior exemplo: estimulou o maniqueísmo, e a oposição caiu na armadilha do combate-entre de cabo Anselmo e de Severino Theodoro de Mello, só para ficarmos com dois exemplos. Se o senso comum [história e sociologia] não escreve livros sobre o poder-entre, é porque não leu Nietzsche e, se leu, não entendeu a profunda filosofia política a pulsar em Assim falava Zarathustra.

Microfísica do poder (p. 143). Foucault afirma: “Nietzsche é o filósofo do poder”, pois, diferente de Marx, que pensa o “poder-contra”, o poder nietzschiano é “relação”, poder-entre, por isso enigmático não pelo dualismo “visível e invisível”, mas por estar “entre” “visível-e-invisível”. Nietzsche está “Além do bem e do mal”.

Travessa, a criança a-travessa os opostos porque é potência intermediária, por isso está “entre” a primeira metamorfose (o “Sim” do asno) e a segunda (o “Não” do leão), sendo nem “Sim” nem “Não”, porém outro “Sim” do mesmo asno e outro “Não” do mesmo leão: paradoxo.

Última semana de agosto. Chega a atraente edição de Assim falava Zarathustra, tradução de Fernando R. de Moraes Barros pela Autêntica. Trata-se de um agenciamento-livro incomparavelmente vasto e profundo no campo político, já que a escritura de Nietzsche, filosófico-literária, mostra nas [entrelinhas] o ápice enigmático do poder-entre, o sacerdote, e quem combate-entre, a criança. Reabro Vontade de poder (p. 98), onde Nietzsche escreve o que não pode faltar: “um entre indispensável” – em itálico.



Bruno dos Anjos/Divulgação

Em ‘O Dia da Girafa’, Maurício Pereira reúne faixas nascidas de anotações produzidas sem compromisso no inquietante período da pandemia

Maurício Pereira  
entre casos  
e canções

Projeto Lança Perfume promove nesta quarta no Manouche bate-papo e audição do primeiro álbum de inéditas do músico em oito anos

AFFONSO NUNES

O cantor e compositor Maurício Pereira estará nesta quarta-feira (26), às 20h30, no Manouche, para uma

conversa com o jornalista Leonardo Lichote sobre “O Dia da Girafa”, seu primeiro álbum de inéditas em oito anos. O encontro integra o projeto Lança Perfume, criado pela diretora artística da casa, Alessandra Debs, e por Lichote, e propõe algo mais específico que uma entrevista convencional: público, convidado e mediador ouvem juntos o disco antes de discutir suas canções.

A audição permite acompanhar o encadeamento da obra de 12 canções, lançada em julho. Conhecido pela crônica de personagens, ruas e situações da vida paulistana, o compositor desloca o foco para uma matéria mais íntima e associativa. As letras nasceram de anotações feitas por Maurício durante a pandemia; agora, as cenas já não precisam chegar organizadas como pequenas narrativas.

“Em tempos normais, sou cronista. Sob pressão, funciono mais poeticamente”, afirmou o músico ao Correio por ocasião do lançamento do novo álbum. “O Dia da

“Em tempos normais, sou cronista. Sob pressão, funciono mais poeticamente”

MAURÍCIO PEREIRA

Girafa” trabalha com aproximações, desvios e lacunas, como se a canção acompanhasse o pensamento antes que ele se organize em história.

A faixa de abertura, “Uma Vida Standard”, escrita com Edson Natale, anuncia a tensão entre uma vontade de comunicação direta e a recusa de simplificar a experiência. O disco inclui “Casamata de Amoreiras”, parceria com Rômulo Fróes; “Eu Trago o Coração Vazando”, feita com Tim Bernardes; e a faixa-título, composta com Lu Horta. “A Professora de Melancolia” e “Quanta Barbaridade” ampliam esse repertório de observação íntima, sem abandonar o humor que atravessa a obra de Maurício.

A presença dos filhos Tim e Chico Bernardes é destaque no trabalho. Tim divide composição, baixo e arranjos de metais em uma das faixas; Chico toca violões, coproduz e assina a mixagem. Biel Basile, responsável pela produção e pela bateria, ajuda a costurar o repertório, que também reúne par-

cerias com Tonho Penhasco, Fábio Sá e Julia Toledo. É um álbum de parcerias, mas com unidade narrativa.

A conversa no Manouche recollecta o artista diante de uma história que passa pelo saxofone, pela composição e pela cena independente. Integrante dos Mulheres Negras ao lado de André Abujamra, Maurício construiu uma obra que concilia humor, estranhamento e canção popular. Músicos mais jovens voltaram a apontá-lo como referência pela liberdade de forma de suas canções.

## SERVIÇO

LANÇA PERFUME:  
LEONARDO LICHOTE  
CONVIDA MAURÍCIO PEREIRA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)  
26/8, às 20h30  
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia ou ingresso solidário, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível ou livro)





O concerto 'Mar de Gente' reúne 31 músicos e propõe novos arranjos para as canções da banda carioca (abaixo, em sua formação original)

# Cordas e sopros revisitam O Rappa

Nova Orquestra estreia no Rio turnê que executa clássicos da banda carioca em versão sinfônica



Reprodução Facebook

AFFONSO NUNES

O Rappa marcou época no início do século com um repertório que nasceu na fricção entre rock, reggae, rap e ritmos brasileiros, mas sua sonoridade ainda desperta novas leituras. Nesta quarta-feira (26), às 20h, a Nova Orquestra estreia a turnê “Mar de Gente: Nova Orquestra toca O Rappa”, com apresentação no Teatro Ecovilla Ri Happy, no Jardim Botânico.

A proposta é deslocar para o universo da música de concerto canções que se firmaram como parte da memória afetiva de diferentes gerações. No palco, uma formação de 31 músicos une cordas, sopros, percussão e banda para revisar faixas como “Pescador de Ilusões”, “Mar de Gente”, “Reza Vela”, “Minha Alma (A Paz que Eu Não Quero)” e “Me Deixa”.

A história d'O Rappa começa em 1993, quando Marcelo Yuka, Marcelo Lobato, Xandão e Nelson Meirelles foram reunidos para acompanhar no Brasil o cantor jamaicano Papa Winnie; Marcelo Falcão entraria depois nos vocais. A banda encontrou sua linguagem em “Rappa Mundi” (1996), ao misturar reggae, samba, funk, rap, soul, samples e eletrônica, e alcançou projeção nacional com “Lado B Lado A” (1999), disco de “Minha Alma” e “O Que Sobrou do Céu”. A saída de Yuka, em 2001, após o músico ficar paraplégico num assalto, foi uma ruptura decisiva, mas o grupo seguiu com “O Silêncio Q Precede o Esporão” e outros trabalhos até anunciar, em 2017, uma pausa sem previsão de volta.

Os arranjos são assinados por Gabriel Oliveira, enquanto a regência fica a cargo da maestra Ludhy-mila Bruzzi. Para Mateus Simões, sócio-diretor da Agência Olga, criadora da Nova Orquestra, a escolha do repertório também busca ampliar o alcance da formação. “São músicas que atravessam gerações e fazem parte da história de muita gente”, afirma. Segundo ele, os novos arranjos não pretendem alterar a essência das canções, mas revelar outras camadas e emoções de um repertório que segue vivo.

A apresentação no Rio abre uma rota que seguirá para São Luís, no dia 28, e Belém, no Pará, dois dias depois.

**SERVIÇO**  
**MAR DE GENTE: NOVA ORQUESTRA TOCA O RAPPA**  
Teatro Ecovilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008)  
26/8, às 20h  
Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia)

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

### Regravação necessária

Juliane Gamboa relança “Coragem Mulher” em dueto com Ivan Lins, autor da canção escrita com Vitor Martins em 1980. A faixa recupera a história de Marli Pereira dos Santos, símbolo de resistência à violência policial no Rio. “Estava procurando uma música inédita para o meu próximo disco e fiquei muito tocada”, diz Juliane. Com documentário e clipe, o single aproxima duas gerações e atualiza uma obra que, segundo Ivan, segue politicamente necessária. A artista foi indicada ao Grammy Latino pelo seu álbum de estreia, “Jazzwoman”.



Divulgação

### Cantar a autestima

Marianna aposta na house e no pop alternativo em “Plano B”, single já disponível que amplia sua fase voltada à pista de dança. Composta com Arthur Marques, Jenni Mosello e Lucas Vaz, a canção troca relações caóticas por autoafirmação, em verso que dispensa concessões: “Eu sou um dez, você é um sete e meio / Bonita demais pra sofrer por um feio”. “Plano B” nasceu após “Grande Gostosa”. “As duas músicas falam sobre autoestima e reconhecer seu próprio lugar no mundo”, diz a artista. O lançamento tem lyric video.



Divulgação

### Um pagodinho romântico

Doce Encontro abre uma nova fase com “After”, parceria inédita com Dilsinho que inaugura o projeto audiovisual do grupo. A faixa, já disponível com clipe, aposta no pagode romântico e no diálogo entre os vocais. “Esses caras são referências no segmento”, diz Dilsinho, que define a canção como “aquele pagodinho romântico”. Gravado no Rio, o audiovisual reunirá 18 faixas, oito inéditas, e contará ainda com participações de Suel, Thiago Soares e Yan. O registro também retoma sucessos do quarteto e amplia a nova fase do grupo.





Thomaz Velho em seu novo atelier: o pé direito alto lhe permitiu um estudo de escala como se vê nas telas de grandes proporções que compõem a exposição

# A calma- maria ficou de lado

Na individual ‘Tormenta’, o artista Thomaz Velho reúne pinturas, desenhos e obras de grande formato na Casa Brasil

AFFONSO NUNES

A pintura de Thomaz Velho ganhou velocidade, escala e cores menos conciliadoras. É esse deslocamento que “Tormenta”, primeira exposição individual do artista carioca, apresenta na Casa Brasil, no Centro, até 6 de setembro. São 11 obras, entre inéditas e trabalhos dos últimos anos, feitas em acrílico, desenho e pintura, algumas com até três metros de altura. A tormenta em questão se relaciona a uma mudança de ritmo no ateliê e na própria trajetória do artista.

Velho levou a produção para um antigo galpão de fábrica de tecidos desativada no Rio Comprido. O pé-direito alto do novo espaço criou uma espécie de ensaio para a nave principal da Casa Brasil, onde a individual ocupa agora uma escala incomum em sua obra. A mudança de ambiente aparece

“Tormenta” é, sem dúvida, uma mudança no direcionamento do meu trabalho, com um processo avassalador na produção das obras, deixando a calma-  
maria de lado”

THOMAZ VELHO

no corpo da mostra: as composições deixam a gradação suave de trabalhos menores para explorar vermelho, amarelo, superfícies densas e uma gestualidade mais urgente. A pintura, aqui, parece menos interessada em sossegar o olhar do espectador.

“Tormenta é, sem dúvida, uma mudança no direcionamento do meu trabalho, com um processo avassalador na produção das obras, deixando a calma-  
maria de lado”, afirma Velho. “Há alguns anos, deixei o mercado de produção e audiovisual para viver esse sonho”, conta o

artista que reorganizou suas referências e sua relação com a matéria.

Velho começou cedo a desenhar e, ainda adolescente, frequentou aulas de modelo vivo com Orlando Molica, no Parque Lage. Mais tarde, formou-se em Artes & Design, trabalhou como assistente de Carlos Vergara e passou oito anos como cenógrafo e diretor de arte na TV Globo. Também fundou a empresa Capavé, de projetos, e assinou trabalhos com Paula Águas na Casa França-Brasil. Esse trânsito entre desenho, cena, projeto e imagem construída reaparece

em “Tormenta”, uma experiência de escala na qual cor e composição se encontram na pintura.

A produção de Velho já atravessava acrílica e óleo sobre tela, instalações em papel de arroz, aquarelas, grafite e ilustração editorial. Nesta individual, os planos se aproximam da arquitetura. Há nas obras ecos de paredes de cal, fachadas históricas e geometrias da construção vernacular, mas a referência nunca se resolve em figura reconhecível. Urbanidade e natureza aparecem como camadas de uma mesma superfície, numa espécie de excesso controlado em que o gesto pictórico se torna imagem.

Para a curadora Adriana Nakamura, a força da Casa Brasil também ajuda a ler o momento do artista. “O trabalho autoral do Thomaz será muito bem-vindo junto com a força popular da Casa Brasil, que atrai um grande público em seu novo formato, exaltando as artes brasileiras e do Rio”, diz. Ela identifica na exposi-

ção uma transição clara: “Thomaz utiliza cores mais vibrantes, como vermelho e amarelo, em vez da gradação suave das pequenas pinturas. É uma transição, com um ritmo e uma paleta diferentes e, ainda, com o desafio de formatos de grande escala nessa nova fase de sua trajetória.”

A ampliação física das obras pede distância ao serem observadas, mas demandam aproximação para perceber a matéria, os encontros de cores e o que há de instável em cada estrutura. O artista troca a tranquilidade de uma pintura mais contida por uma imagem em estado de elaboração, na qual a energia do processo permanece visível.

## SERVIÇO TORMENTA

Casa Brasil (Rua Visconde de Itaboraí, 78, Centro)  
Até 6/9. De terça a domingo,  
das 10h às 17h  
Entrada gratuita